

POBREZA E MISÉRIA NA FARSA DA BOA PREGUIÇA DE ARIANO SUASSUNA

Irley Machado¹

Resumo: O presente artigo busca fazer uma análise entre os personagens Aderaldo e Simão da obra de Ariano Suassuna *Farsa da Boa Preguiça*. Dentro do estudo desenvolve-se uma associação e se estabelece a diferenciação entre as palavras pobreza e miséria e pretende-se mostrar que nem sempre o pobre é miserável, embora o rico possa sê-lo.

Palavras-chave: Personagens, Ariano Suassuna, Pobreza, Miséria

Résumé: L'article qui suit cherche à faire une analyse entre les deux personnages de l'oeuvre de Ariano Suassuna *Farsa da boa preguiça*. Dans cet étude une association a été développée entre les mots pauvreté et misère et aussi la différenciation qu'il y a entre elles. On a aussi l'intention de montrer que le pauvre n'est pas toujours misérable alors que le riche peut l'être malgré sa richesse.

Mots-clés: Personnages, Ariano Suassuna, Pauvre, Misérable

A obra de Ariano Suassuna intitulada *Farsa da boa preguiça*, escrita em 1960 é considerada pela crítica como uma de suas obras primas. Ela tem como tema o elogio à preguiça, ou como melhor define seu autor o elogio ao “*ócio criador do poeta*”.

A farsa, segundo André Tissier “é o único gênero dramático que sobreviveu a Idade Média” (Tissier, 1999: 8)². Em sua origem ela era uma pequena peça representada, no centro ou no final de um mistério ou moralidade, para relaxar a atmosfera ou cativar um pouco mais os espectadores. Pouco a pouco se tornou um texto autônomo e se constituiu num gênero dramático independente. A farsa pertence ao teatro popular, às “camadas inferiores” da população, e é representada onde o público vive e onde predomina uma atmosfera de festa. Na Idade Média, a farsa era a adaptação de fábulas ou de contos da literatura oral. Este procedimento é igualmente utilizado por Suassuna: ele se inspira nas histórias populares do nordeste para a criação de sua obra. Assim para o segundo ato de sua *Farsa da boa preguiça*

¹ Profa. Dra. Pela Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris 3. Profa. Dra. da Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Teatro, nas áreas de teoria e prática teatral. Coordenadora do Núcleo de Criação e Pesquisa Teatral – TRIBO.

OBS.: Todas as citações em francês serão por nós traduzidas e colocadas no corpo do texto, enquanto o texto original será colocado em nota de rodapé.

² «est le seul genre dramatique qui ait survécu au Moyen Âge»

ele se serve de uma história que possui várias versões: de um intermédio popular adaptado da literatura de cordel, de uma peça para mamulengo e de um romance ibérico medieval cantado ainda no sertão e intitulado *O homem da vaca e o poder da fortuna*. Já o terceiro ato é inspirado num texto tradicional anônimo do teatro de mamulengo do nordeste *O rico avarento* e também do conto popular *São Pedro e o queijo*.

O texto é composto de três atos que, característica do teatro de Suassuna, podem ser representados de forma independente. Cada ato apresenta uma história completa que não tem necessidade de estar ligada ao ato que a segue ou a precede. Seguindo a tradição medieval, Suassuna introduz cada ato por um prólogo e o termina por um exemplo, uma lição. No prólogo ele anuncia o que vai se passar, descreve o espaço cênico e introduz os personagens. Para criar o aspecto dramático da obra, o autor se serve da oposição entre os personagens, dos conflitos de situação gerados por esta oposição. Sempre dando características específicas a cada personagem, Suassuna traça um retrato dos dois casais que protagonizam a obra: Simão e Nevinha, Aderaldo e Clarabela.

Simão é pobre, poeta, preguiçoso, escritor de origem rural que, por força das circunstâncias, vive no meio de uma burguesia urbana. Ele é dotado de uma grande capacidade de criação associada a um humor espontâneo e debochado. O personagem revela um desligamento material incomparável, um pronunciado individualismo, mas ao lado dessas qualidades o que sobressai é um grande amor, uma confiança total e um certo devotamento a sua mulher Nevinha. Mulher de origem humilde, fiel e digna, consciente de seus deveres para com seu marido e filhos, mostra uma forte religiosidade e um certo conformismo aliado a um sentimento de inferioridade característica da classe social a que pertence.

Aderaldo representa o burguês enriquecido graças ao trabalho dos pobres. É um ser lascivo que quer a todo custo possuir a esposa de Simão. Ele tenta seduzi-la, inúmeras vezes, com a promessa de bens materiais. Ligado ao dinheiro, acredita fácil possuir as pessoas da mesma forma que possui coisas. Clarabela, casada com Aderaldo, é uma falsa intelectual, fútil e lasciva, que abusa de expressões difíceis, a fim de mostrar uma erudição que não possui. Intolerante, superficial e hipócrita, quer ser reconhecida como uma mulher culta, tanto quanto seu marido deseja ser um homem de poder, o que os aproxima, pois são desejos que representam uma vontade obstinada de ascensão social, numa sociedade materialista que não vê e não considera senão o lado aparente das coisas.

O primeiro ato coloca o espectador em contato com este universo do sertão, com a personalidade dos protagonistas, suas vidas e conflitos. Ele faz um esboço do poeta preguiçoso, da mulher dedicada e conformada com sua sorte e ao lado destes mostra a ganância de Aderaldo e a futilidade de Clarabela.

O segundo ato será decisivo: neste momento da peça, como uma característica bem comum às farsas, há uma mudança significativa no destino dos personagens pobres, que através de uma aposta, se tornam ricos.

No terceiro ato, encontramos nossos personagens empobrecidos novamente. Os anos passaram. Simão e Nevinha voltam à velha casa vizinha à do rico Aderaldo. Eles retornam humildes em busca de trabalho. Simão bate à porta de Aderaldo e se reencontra com Clarabela. Durante o período em que Simão estivera rico, eles tinham se tornado amantes, o que agora é passado. Clarabela, fiel a ela mesma, multiplicara suas aventuras amorosas, preferindo-as sempre mais grosseiras e brutais. A idéia de ter Simão como criado a diverte prodigiosamente. Ela aceita seu pedido de emprego apenas para humilhá-lo. Aderaldo, que se transformara num grande avarento, revela toda sua mesquinhez ao afirmar: “Eu não vou na casa de minha mãe para ela não visitar a minha e não desequilibrar meu orçamento” (Suassuna, 1979:140) Atualmente ele controla a própria comida e guarda-a sob sete chaves. Avarento, mesquinho e vingativo, a possibilidade de humilhar Simão lhe agrada: ele o emprega em troca apenas de sua alimentação. O trabalho de Simão consiste apenas em “despachar” os retirantes que vêm mendigar à porta de Aderaldo. Ele deve encarregar-se de afastar os mendigos que em época de seca não faltam. A todos Aderaldo responde com uma negativa: ele não tem nada para dar, ele não é responsável pela pobreza do mundo e ele não tem nada a ver com isso. Simão piedoso para com aqueles que parecem ter ainda menos que ele, lembra a Aderaldo o castigo divino, pra ouvir o avarento exclamar: “O castigo do céu! Olhe a besteira dele!” (Suassuna, 1979: 147) O texto chega ao fim. Suassuna revela a verdadeira identidade dos vaqueiros de Aderaldo, os mesmos que Clarabela tinha por amantes: eles são demônios, vindos para buscar a alma do infame personagem e de sua mulher. Eles os transportam vivos ao inferno. Nevinha e Simão permanecerão vivos para cumprir seus destinos. O ato termina por uma moralidade que encerra o texto e que reforça o elogio à preguiça criativa do poeta. Através dos personagens Suassuna deixa explícito seu pensamento, nos versos finais:

Viva a preguiça de Deus
Que criou a harmonia,
Que criou o mundo e a vida,
Que criou tudo o que cria!
Viva o ócio dos Poetas
Que tece a beleza e fia!
Viva o povo brasileiro,
Sua fé, sua poesia,
Sua altivez na pobreza,
Fonte de força e Poesia! (Suassuna, 1979:181)

A idéia segundo a qual apenas a ociosidade e o desligamento das coisas materiais permitiriam a criatividade aparece como tema central numa leitura em primeiro grau. Entretanto esta obra é bem mais rica do que aparenta. Suassuna avança nesta reflexão simplista: ele sugere uma reinterpretação da questão da pobreza e da miséria. Dois termos sérios que nos enganamos ao considerarmos sinônimos e que Suassuna escolheu tratar através da farsa. É exatamente a farsa que permite ao escritor uma grande liberdade de expressão e de julgamento. O teatro da farsa sempre esteve contra a corrente da cultura oficial: ele recusa as convenções da língua e as convenções sociais. Seu objetivo maior é de dar livre curso a um riso profanador e fecundo cujo efeito liberador é visceralmente sentido. Não se pode, entretanto, acreditar que a atmosfera alegre do texto exclui toda inquietude e angústia. O riso pode exorcizar as angustias temporariamente, mas ele não consegue aboli-las completamente. Ele expressa as pulsões elementares do ser e é das pulsões do homem que Suassuna quer falar nesta obra. Ele quer nos falar das significações que a pobreza e a miséria podem alcançar na vida cotidiana deste homem do sertão.

Vejamos algumas definições encontradas no dicionário:

Pobre – que não tem o necessário à vida. Cujas posses são inferiores à sua posição ou condição social (Ferreira, 1986:1350).

Pobreza - falta do necessário para a vida; penúria, escassez (Ferreira, 1986:1350).

Miséria – A primeira palavra do 51º salmo. estado lastimoso deplorável, que inspira dó; mesquinharia, avareza, ação ou procedimento indigno (Ferreira, 1986:1141).

Miserável – digno de compaixão, lastimável, desprezível, abjeto, infame, torpe, vil (Ferreira, 1986:1141).

Assim se pode afirmar que o pobre não é sempre miserável ou ainda que ele não vive sempre na miséria, segundo a definição de Suassuna e do dicionário. Pode-se, no entanto, afirmar que há ricos que vivem na miséria, ou que há ricos mais miseráveis que muitos pobres ou que existem alguns miseráveis extremamente ricos. Podem-se transformar algumas asserções num jogo de palavras infindo. Ora, as palavras pobreza e miséria são, todavia, *convenantes* para adotar a definição de Foucault(1966), isto é possuem uma certa semelhança, uma proximidade que pode prestar-se a confusões. Pode-se dizer que as palavras se justapõem guardando naturalmente uma certa distancia. É justamente este sentimento de distancia, quase de oposição que Suassuna vai defender em sua obra.

Simão é o personagem pobre. No desenvolvimento da trama vê-se a chance sorrir a Simão que se torna rico, mas esta riqueza material não lhe traz felicidade, ao contrário, ela se transforma em fonte de infelicidade e de humilhação e reenvia o poeta e sua família ao ponto de partida. Simão pobre é feliz e criativo. O dinheiro não lhe serve para nada, ele o afasta de sua atividade. O poeta interrompe seu processo de criação, sua vida afetiva se estilhaça, seu mundo se torna confuso. Pobre, ele era feliz. Rico, ele encontra a miséria interior.

Aderaldo é o rico miserável. Ele se deixa prender numa cadeia de valores, que o levam a um círculo vicioso, em que seus desejos não são jamais satisfeitos. Os dois casais e o ambiente que os cerca, representam um microcosmo social que expõe a relação íntima que a sociedade desenvolve com a vida material. O casal Aderaldo e Clarabela corresponde a uma ideologia burguesa, resultado direto de um período de modernização econômica vivido no Brasil. Em seu caso, o interesse e a vontade pessoal estarão sempre submetidos a uma escala de valores que faz parte de um processo capitalista de desenvolvimento. O personagem de Aderaldo se considera um liberal, mas, na verdade, ele é mais um herdeiro dos “liberais brasileiros” do século XIX que asseguraram a continuidade e a manutenção do trabalho escravo, sobretudo nas zonas daquilo que chamamos de oligarquia rural a qual o personagem pertence. Como diz Alfredo Bosi “O liberalismo econômico não produz *sponte sua*³, a liberdade social e política” (Bosi, 2000:198), mas ele pode provocar uma falsa idéia de liberdade e de felicidade, pois ele dá uma sensação enganosa de progresso e poder.

³ O autor se refere à falsa imagem que o liberalismo econômico quer passar, mas que não corresponde à realidade.

Aderaldo e Simão representam duas ordens opostas de intencionalidade: eles possuem objetivos e valores diferentes. Em sua lógica materialista, Aderaldo não compreende que um pobre possa ser feliz. Ele diz: “Ele se faz de feliz só para me fazer raiva. Não está vendo que eu não posso acreditar nisso – um homem feliz morrendo de fome!” (Suassuna, 1979: 26) Pertencendo a uma classe social burguesa, alienado por seus preconceitos e sua moral, o personagem revela uma sujeição ao lucro e à especulação, à necessidade de dominação, ao mesmo tempo em que mostra sua total ausência de lucidez ao que corresponde às motivações mais profundas do homem. Ao contrário dele, Simão apresenta um caráter essencial do amor pelo “risco intelectual” que se manifesta em sua criação poética, livre de preconceitos, de lugares comuns e de dogmas. Ele não pertence à ideologia dominante e individualista, cujo único objetivo é a melhoria de seu nível de vida pessoal. Simão se mantém à margem desta sociedade que para preservar sua existência, submete o indivíduo as suas leis e onde predomina a exploração de um grande número de pessoas por alguns. Uma exploração por vezes tão perversa que é capaz de fazer acreditar a muitos, inconscientes de sua verdadeira situação, que são privilegiados. Mas Simão, embora em determinado momento assuma a postura de um rico, não é inconsciente. Ele se sente em desvantagem neste meio social. A sociedade na qual vive não conseguiu criar, ou melhor, impor toda uma série de reflexos condicionados por julgamentos de valores que não têm importância a não ser para o grupo social que não é o seu. Para Simão seu trabalho possui uma importância vital, pois o trabalho criativo não tem preço. Simão escolhe não participar desta maquinação que desvia o homem de toda espiritualidade, espiritualidade para a qual contribui a arte e a criação artística.

Aderaldo, obcecado pelo lucro que o trabalho escravo pode proporcionar, se desumaniza. Ele não escraviza apenas seus empregados, ele torna-se escravo de si mesmo. Assim, ele se coloca numa categoria inferior àquela de seus próprios empregados: ele se torna miserável. Nós o encontramos no terceiro ato como um digno representante da miséria humana: rico e miserável em sua solidão. A avareza e a inveja o arrastam sempre para mais longe, fechando-o num círculo tangencial ao da loucura. Incapaz de amar, ele não realiza trocas humanas e/ou afetivas. Avarento ele fechou-se numa solidão da qual ele não tem nem mesmo consciência. A avareza é um desvio moral do homem. O avarento quer apenas e sempre receber, mas jamais dar. O medo de perder o persegue e aterroriza e, portanto ele perde sempre. É um pobre tipo desprovido de inteligência emocional, avarento até em seus

sentimentos: sua mulher o engana abertamente, mas ele prefere ignorar. É cômodo. O dinheiro é o único valor que ele julga importante. Ele sempre desejou a mulher de Simão, mas não com um verdadeiro desejo de troca. Como uma extensão de sua avareza, encontramos seu desejo desmesurado de posse. O personagem jamais compreendeu o significado da rejeição de Nevinha, pois ele a crê inferior socialmente. Para ele, Nevinha pertence ao povo miúdo, à canalha social e racial que ele despreza, a uma categoria feminina com quem um homem não deve casar, mas dela pode servir-se. Entretanto ela é feliz em sua pobreza, ao lado de seu marido e de seus filhos. Pode-se pensar que Aderaldo a deseja para reduzi-la a uma outra categoria social, aquela dos miseráveis, a qual Clarabela, sua mulher, pertence. Mas a natureza humana de Nevinha encontra força para defender-se. O personagem desta mulher forte e incorruptível se defende pelo pudor, pelo respeito a si mesma, pelo sentimento de honra e pela vergonha que a adverte do perigo iminente. Clarabela ao contrário é a mulher sem honra, hipócrita, vazia. Ela disfarça sua miséria interior feita de niilismo, de amoralidade, de uma crueldade debochada e páfida, através de artifícios que ela julga sedutores. Como seu marido, a autenticidade de seus vizinhos pobres lhe faz entrever uma riqueza a qual ela não tem acesso. Dando-se ares de mulher culta, ela tenta confundir Simão. Mas o poeta dotado de um fino humor, a critica através de um jogo de palavras. Quando Clarabela lhe pergunta se ele é autêntico, ele responde: “Não senhora, eu sou um pouco asmático, autêntico não.”(Suassuna, 1979: 33). Da mesma forma quando Clarabela, querendo diminuir o valor de sua obra, lhe pergunta: “Meu caro Simão você não acha tudo isso fácil?” ele responde com simplicidade: Acho, sim senhora, mas é porque eu sou Poeta e sei fazer! O resto do povo, por aí fora, acha difícil!” (Suassuna, 1979: 37) Clarabela, sem poder de criação, se aborrece e para se ocupar se entrega aos prazeres que encontra em sua luxúria. O personagem Simão, como o simplório das farsas medievais, não é um personagem que arquiteta, calculador e capaz de forjar estratégias que lhe coloquem em situação de vantagem. É um homem que vive o instante e que não se aflige em demasia com as infelicidades que o atingem. Ele experimenta com prazer e sem se lamentar o que o curso imprevisível das coisas lhe proporciona. Pode-se dizer que ele é a imagem deste povo miúdo. Simão não se sente esmagado pela pobreza, ele vive em harmonia com sua situação de homem pobre. Ele vive o dia a dia, sem grandes preocupações. Em sua fé simples e sincera, ele se parece um pouco com Jó, que possuía uma confiança total em Deus. Uma confiança sem questionamentos nem dúvidas. Ele apresenta uma estrutura mental e

espiritual que lhe permite construir-se e organizar-se de forma singular.

A grande riqueza da obra de Suassuna, é sua capacidade de utilizar-se da farsa para revelar o sentimento religioso que faz parte do seu universo. No intermédio *O rico avarento*, ele condena claramente a avareza, pecado ao qual o personagem principal não escapa, e daí sua punição. Não se pode esquecer que a avareza, ligada ao progresso da economia monetária, era na Idade Média, o primeiro dos pecados capitais, seguido pelo orgulho, vício por excelência da feudalidade. Pecado ao qual o personagem de Aderaldo também não escapa. Suassuna em sua obra reproduz simplesmente a ideologia pregada pela religião cristã segundo a qual “é mais fácil a um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus” (Mateus, XIX-24). Da mesma forma, em seu intermédio *O homem da vaca e o poder da fortuna*, ele nos faz lembrar uma das mais belas palavras de Cristo e uma das mais difíceis de entender em nossa sociedade atual: “Considerai como crescem os lírios: eles não trabalham nem fiam; entretanto eu vos digo que Salomão, em toda sua glória, nunca vestiu-se como um deles! (Lucas XII-27).

Estas idéias se destacam na *Farsa da boa preguiça*, atestando a herança cristã do autor, que nos remete a um outro cristão que defendia a idéia de uma pobreza nobre, diríamos sagrada, a única capaz de nos conduzir a salvação. Nós falamos de São Francisco, para quem a pobreza era o valor espiritual supremo. São Francisco viveu igualmente num momento de luta de classes e de progresso da economia monetária: filho de mercadores abria-se diante dele um leque de possibilidades e riquezas materiais. Ao escolher, ele escolheu a pobreza, que tornou-se a sua Dama, numa relação próxima a de um casamento. São Francisco, segundo Jacques Le Goff “é o homem do dom total”(1999:30)⁴. Inspirado pelo evangelista Mateus, ele pregava: “Vós recebestes gratuitamente, dai gratuitamente” (Mateus, X-8.) Ele renunciou ao dinheiro e aos bens materiais que sua condição lhe oferecia e viveu uma pobreza voluntária. De alguma forma Simão, o personagem de Suassuna, reproduz o modelo. Em muitos momentos lhe é dada a possibilidade de mudar de situação, mas ele não quer. Sob a máscara da aparente preguiça, ele parece esconder preceitos bíblicos enraizados em sua personalidade, aliás, ele afirma várias vezes no texto “Deus há de tudo suprir” (Suassuna,1979:81). Através de suas canções e poemas ele leva uma alegria simples às pessoas. É neste momento que retornamos a São Francisco. Jacques Le Goff afirma: “Francisco propõe o rosto alegre, sorridente, daquele que sabe que Deus é alegria”⁵ (Le

⁴ «est l'homme du don total» N.T.

⁵ «François propose le viseje joyeux, riant, de celui qui sait que Dieu est joie». N.T.

Goff, 1999:30). Se Francisco propunha o trabalho manual, artesanal, como uma oferenda e homenagem a Deus, Suassuna propõe um trabalho do espírito, um trabalho intelectual, que não visa ao lucro, mas ao enriquecimento interior do homem. Ele afirma textualmente: “o único trabalho verdadeiramente digno é o trabalho criador, livre e gratuito”. (Suassuna, 1979:p.XI)

Na origem da palavra latina pobre, encontra-se *paucus* – que produz pouco. O personagem Simão é um criador, ele elabora. Ele produz pouco? Não. Ele produz de forma diferente. Isto nos lembra uma anedota que Suassuna conta no prefácio desta obra : “um rico industrial dirigiu-se ao escritor José Lins do Rego, com um certo desprezo, dizendo-lhe: então mestre, é fácil a vida para o senhor que trabalha pouco! José Lins respondeu: mas eu escrevo muito! O outro teria objetado: e desde quando escrever é um trabalho? José Lins pôe então fim a conversa dizendo: para aqueles que olham o mundo sob o ângulo da canga que eles portam, não.” Suassuna nos conta esta história significativa para nos fazer refletir sobre o pensamento atual no que se refere a produção intelectual.

Parece que nos esquecemos da importância que a Antiguidade dava aos poetas e à poesia. Para Homero, o poeta é um “cantor divino” e para os Romanos ele é chamado *vates* que significa profeta. Aristóteles em sua Arte Poética dá a poesia um lugar entre as mais altas atividades do espírito e lhe reconhece um valor tanto moral quanto filosófico. Para os Gregos, na poesia havia qualquer coisa de divino, de metafísico que pertencia a uma instância sobre-humana. Qualquer coisa como diz E.R. Curtius que “está fora e acima do homem, penetra nele e o completa”⁶ (Curtius, 1956:247).

Simão é um poeta pobre, mas não se encontra na miséria, pois ele é livre de toda ligação material e de todo julgamento materialista. Através de seu trabalho, ele alcança uma certa elevação, uma saída que permite uma compreensão diferente de seu universo, o que faz com que ultrapasse sua condição social. Henri Laborit nos lembra a este propósito que “A evolução não se deve as massas, ela não se deve igualmente aos burgueses, mas a um tipo particular de homem, fora das normas, sem o que nada se poderia ter que fosse original”⁷ (Laborit,1970:33). Queremos acreditar que o poeta Simão pertence a este tipo particular de homem, que pode auxiliar a mudar o pensamento humano e como consequência promover uma evolução e elevar-se acima da condição humana material. Deste ponto de vista há aí qualquer

⁶ [...] qui est en dehors et au-dessus de l’homme, pénètre en lui et le remplit».

⁷ «L’évolution n’est pas due aux masses, elle n’est pas due aux bourgeois, mais à un type d’homme particulier en dehors des normes, sans quoi il n’aurait rien pu apporter d’original». N.T.

coisa de atemporal. O aprisionamento mental de Aderaldo lhe faz viver num inferno terrestre do qual ele é incapaz de se libertar. O que faz da intervenção do demônio e da punição recebida, uma seqüência lógica segundo o autor: miserável era, miserável permanecerá.

O poeta termina sua farsa e por meio de uma divertida paródia, desprovida de todo cinismo ridiculariza o personagem Aderaldo e através dele todos os avarentos do mundo. Suassuna sabe bem que na vida cotidiana as situações não se invertem tão facilmente quanto nas farsas. A ordem estabelecida permanece poderosa. Mas é permitido sonhar com este mundo às avessas onde a farsa relativiza as situações sociais dos protagonistas e autoriza um riso liberador. Simão é o personagem pobre que se permite rir de sua própria condição. Em sua alegria natural e com sua riqueza de espírito ele afirma: “Pobre sim, mas na miséria, jamais!”

Referências Bibliográficas:

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim EDELBRA – Rio Grande do Sul, 1979
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2000.
- CURTIUS, E.R.. “Poésie et Rétorique» in *La littérature et le Moyen âge Latin*, Paris, Presses Universitaires de France, 1956.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses, une archéologie des sciences humaines*, Paris, Gallimard, 1966.
- LABORIT, Henri. *L’homme imaginant*, Paris, Union générale d’éditions, 1970.
- LE GOFF, Jacques. *Saint François d’Assise*, Paris, Ed. Gallimard, 1990.
- SUASSUNA, Ariano. *Farsa da boa preguiça*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1979.
- TISSIER, André. *Farces Françaises de la fin du Moyen age*, Genève, Librairie Droz S.A., 1999.